



A FORMAÇÃO DA TERRITORIALIDADE DO CAMPESINATO E A TRAJETÓRIA DA PESCA NA AMAZÔNIA

THE FORMATION OF PEASANT TERRITORIALITY AND THE TRAJECTORY OF FISHING IN THE AMAZON

LA FORMACIÓN DE LA TERRITORIALIDAD CAMPESINA Y LA TRAYECTORIA DE LA PESCA EN LA AMAZONIA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n55-032>

Data de submissão: 05/11/2025

Data de publicação: 05/12/2025

Francisca Maria Rodrigues Pereira

Mestre em Geografia

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: francis_manaca@hotmail.com

RESUMO

Este artigo "A Formação da Territorialidade do Campesinato e a Trajetória da Pesca na Amazônia" apresenta uma análise detalhada da evolução da territorialidade campesina na Amazônia, com ênfase na pesca, uma atividade central na vida e cultura dessas comunidades. A pesquisa revela que a pesca, mais do que um meio de subsistência, é uma atividade intrinsecamente ligada à identidade cultural, à organização social e à espiritualidade das comunidades. O artigo examina como estas práticas pesqueiras têm sustentado gerações, criando uma simbiose única entre os povos e o ecossistema fluvial. O estudo também destaca a resiliência destas comunidades frente aos desafios modernos, salientando a importância de estratégias de gestão sustentáveis e culturalmente adequadas. Através de uma abordagem multidisciplinar, o artigo contribui significativamente para a compreensão das complexas dinâmicas socioambientais na Amazônia, enfatizando a necessidade de preservar tanto a biodiversidade quanto as culturas tradicionais que dela dependem. Em suma, o artigo oferece uma visão abrangente e profunda sobre a interconexão entre o campesinato, a pesca e a territorialidade na Amazônia, e aponta para a importância de abordagens integradas que respeitem tanto o meio ambiente quanto as tradições culturais locais.

Palavras-chave: Cultura. Comunidades. Tradição. Meio Ambiente. Ecossistema.

ABSTRACT

This article "The Formation of Peasant Territoriality and the Trajectory of Fishing in the Amazon" presents a detailed analysis of the evolution of peasant territoriality in the Amazon, with an emphasis on fishing, a central activity in the life and culture of these communities. The research reveals that fishing, more than a means of subsistence, is an activity intrinsically linked to the cultural identity, social organization and spirituality of the communities. The article examines how these fishing practices have sustained generations, creating a unique symbiosis between the peoples and the river ecosystem. The study also highlights the resilience of these communities in the face of modern challenges, underlining the importance of sustainable and culturally appropriate management strategies. Through a multidisciplinary approach, the article makes a significant contribution to understanding the complex socio-environmental dynamics in the Amazon, emphasizing the need to preserve both biodiversity and the traditional cultures that depend on it. In short, the article offers a comprehensive and in-depth view of the interconnection between peasantry, fishing and territoriality



in the Amazon, and points to the importance of integrated approaches that respect both the environment and local cultural traditions.

Keywords: Culture. Communities. Tradition. Environment. Ecosystem.

RESUMEN

Este artículo "La formación de la territorialidad campesina y la trayectoria de la pesca en la Amazonia" presenta un análisis detallado de la evolución de la territorialidad campesina en la Amazonia, con énfasis en la pesca, actividad central en la vida y la cultura de estas comunidades. La investigación revela que la pesca, más que un medio de subsistencia, es una actividad intrínsecamente ligada a la identidad cultural, a la organización social y a la espiritualidad de las comunidades. El artículo examina cómo estas prácticas pesqueras han sostenido a generaciones, creando una simbiosis única entre los pueblos y el ecosistema fluvial. El estudio también destaca la capacidad de recuperación de estas comunidades frente a los retos modernos, subrayando la importancia de estrategias de gestión sostenibles y culturalmente apropiadas. Mediante un enfoque multidisciplinar, el artículo contribuye de forma significativa a la comprensión de la compleja dinámica socioambiental de la Amazonia, haciendo hincapié en la necesidad de preservar tanto la biodiversidad como las culturas tradicionales que dependen de ella. En resumen, el artículo ofrece una visión completa y profunda de la interconexión entre campesinado, pesca y territorialidad en la Amazonia, y señala la importancia de enfoques integrados que respeten tanto el medio ambiente como las tradiciones culturales locales.

Palabras clave: Cultura. Comunidades. Tradición. Medio Ambiente. Ecosistema.



1 INTRODUÇÃO

O artigo intitulado "A Formação da Territorialidade do Campesinato e a Trajetória da Pesca na Amazônia" mergulha nas profundezas de um tema fascinante e complexo, explorando como a territorialidade camponesa foi formada e evoluiu na região Amazônica, com um enfoque especial na atividade pesqueira. A Amazônia, conhecida por sua biodiversidade sem paralelo e significado ecológico global, é também um mosaico cultural e socioeconômico, onde comunidades tradicionais.

A pesca não é apenas um meio de subsistência; ela é imbuída de significados e práticas que refletem a relação profunda entre as comunidades camponesas e o rio, que é tanto fonte de vida quanto via de conexão com o mundo, incluindo papel crucial que esses camponeses desempenham na conservação do meio ambiente e na manutenção de seus modos de vida. Além disso, a análise se estende às pressões externas – como a globalização, a mudança climática e as políticas governamentais – que afetam a pesca e a territorialidade na Amazônia.

O estudo destaca a resiliência e a adaptabilidade dessas comunidades frente a esses desafios, enfatizando a importância de abordagens sustentáveis e culturalmente sensíveis para a gestão dos recursos naturais da região. Este artigo representa uma contribuição valiosa para o entendimento da complexidade socioambiental da Amazônia, oferecendo insights sobre a interação entre o campesinato, a prática da pesca e a formação da territorialidade em um dos ecossistemas mais vitais do planeta.

Este artigo busca analisar as dinâmicas de formação territorial camponesa na Amazônia, investigando como essas comunidades moldaram e foram moldadas pela paisagem natural ao seu redor. Em particular, a pesca, uma atividade vital para a subsistência e a economia local, serve como uma lente através da qual as complexas interações entre humanos e natureza podem ser vistas e entendidas. Examinamos como a prática da pesca, além de prover alimento e recursos, constitui uma parte integral da identidade cultural e da organização social dos povos amazônicos.

2 PRIMEIRA SEÇÃO

2.1 CAMPESINATO NA AMAZÔNIA: UMA JORNADA DE RESILIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE

A Amazônia, um dos biomas mais ricos e diversos do mundo, é também lar de uma faceta menos conhecida, mas igualmente vital: o campesinato. Esta comunidade, entrelaçada na vasta tapeçaria da selva amazônica, representa uma história de resiliência, adaptação e uma profunda conexão com a natureza. A agricultura praticada pelos campesinos amazônicos é marcada por uma profunda compreensão dos ciclos naturais e um respeito pela biodiversidade. Utilizando técnicas tradicionais de cultivo, como a roça de toco e sistemas agroflorestais, eles conseguem produzir alimentos sem comprometer a saúde da floresta.

Além da agricultura, a pesca desempenha um papel crucial na vida do campesinato amazônico. As técnicas de pesca são adaptadas às complexas redes fluviais da Amazônia, garantindo que as populações de peixes se mantenham saudáveis e abundantes. Esta relação simbiótica entre o homem e o rio é um testemunho da sabedoria indígena e camponesa na gestão sustentável dos recursos naturais. No entanto, o campesinato na Amazônia enfrenta desafios significativos. A pressão do agronegócio, os conflitos de terra e as políticas públicas muitas vezes desfavoráveis ameaçam seu modo de vida e o delicado equilíbrio ecológico da região.

Apesar dos inúmeros desafios, o campesinato amazônico continua a lutar pela preservação de seu modo de vida e do ambiente em que vivem. A resiliência e a sabedoria dessas comunidades não são apenas cruciais para a sobrevivência da Amazônia, mas também oferecem lições valiosas para o mundo em busca de um futuro mais sustentável. Em resumo, o campesinato na Amazônia não é apenas uma peça fundamental no mosaico da biodiversidade da região, mas também um símbolo de resistência e um farol de esperança para práticas sustentáveis de vida em harmonia com a natureza.

Loureiro (2009, p.30) cita que “é preciso, também, examinar o cenário em que essa história de perdas e danos da Amazônia se desenvolveu. O cenário encontra-se envolvido por uma espessa camada de mito e lendas”. Essas lendas estão arraigadas na convivência, no ritmo, na trajetória e na religiosidade dos ribeirinhos camponeses. O fundo das águas encontra-se habitado pelos encantados; nas águas de seus rios andam botos que seduzem e engravidam mulheres; cobras que se transformam em navios iluminados. Caminham pelas matas numerosos personagens míticos”. A autora descreve o cenário sobre os mitos amazônicos demonstrando a credibilidade dos ribeirinhos amazônicos.

É em meio a essas “matas e águas”, como cita Loureiro, que se construiu uma trajetória de sofrimento e humilhação ao longo dos anos, que por sua vez resultou no “camponês/ribeirinho”, em busca da territorialidade como caracterizou Cruz (2007). A formação do camponês no Brasil, em especial do “camponês/ribeirinho” da Amazônia, está imbricada ao império colonial, que, durante a primeira metade do século XVIII, sofreu ameaças e perdas consideráveis. Essa constituição da territorialidade camponesa na Amazônia teve início a partir de diferentes períodos de ocupação da região.

Queiroz (1973) ressalta que economicamente procura-se definir o camponês como aquele que visa plantar para consumir, não excluindo a possibilidade de vender o excedente e, sociologicamente, como uma camada subordinada (política, econômica e social) de uma sociedade global. Para a autora, o camponês, de modo geral, é aquele que necessariamente usufrui a terra, podendo ser um proprietário, posseiro, parceiro ou arrendatário, exercendo domínio sobre a produção e empregando primordialmente a força de trabalho familiar e o trabalho assalariado quando necessário.

Os camponeses, ao se constituírem em uma contradição do capital, reproduzem seu modo de vida no território como uma forma de resistência e de permanência no campo em busca da

territorialidade, Raffestin, nesse sentido considera que a territorialidade se relaciona ao espaço vivido e às relações sociais de alteridade e exterioridade cotidiana, visto que: O espaço e território não são termos equivalentes e nem sinônimos. [...] É fundamental entender como o espaço está em posição que antecede o território, porque este é gerado a partir do espaço, constituindo o espaço[...].

3 SEGUNDA SEÇÃO

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO CAMPONÊS COMO RIBEIRINHO

Assim como mostra Raffestin, Cruz (1983) também cita que acerca da ocupação do ribeirinho na várzea, da mesma forma também ocorreu com os camponeses de terra firme ou seja, “a apropriação concreta ou abstrata de um espaço territorializado”. Na Amazônia, problemas de fronteiras com os domínios americanos da França e da Espanha e, por vezes, com a Holanda pela disputa por território. Com a descoberta do rio Amazonas, a Amazônia e suas supostas riquezas naturais passaram a ser alvo de disputa entre esses países, além de outros. A luta pela posse da Amazônia foi intensa e com o derramamento de muito sangue. Os conflitos agravaram-se uma vez que tais países tinham o intuito de obter controle da região.

Para os portugueses, a posse da Amazônia significava ação humana e segurança econômica na região que pertencia à Espanha, justamente pela descoberta de supostas riquezas, revelando-se o mérito do conhecimento tradicional na descoberta das riquezas da Amazônia. Essa riqueza abrange os âmbitos da economia, da cultura e da ecologia. A tese fundamental é de que os “povos tradicionais” – índios, seringueiros, quilombolas, caboclos, ribeirinhos, caboclos/ribeirinhos (sociologicamente, camponeses amazônicos) etc. contribuíram para a constituição da população amazônica (WITKOSKI, 2007).

A formação dos assentamentos dos povos na Amazônia, especificamente das comunidades camponesas, traz uma relação com vários períodos históricos de “ocupação” (despovoamento, aculturação, etc.) da região, quase sempre impregnados por diversos interesses econômicos nacionais ou internacionais. Desde o período colonial, notadamente a partir do século XVII, quando esta porção do Ocidente passou a ser objeto de interesse de comerciantes espanhóis, ingleses, holandeses e mais fortemente dos portugueses, tem-se uma série de medidas com vistas ao atendimento das exigências do mercado internacional, criado pelas chamadas “drogas do sertão”. São nesse contexto que surgem as principais características dos camponeses que vivem às margens dos rios, os camponeses-ribeirinhos.

Além dos nordestinos que entraram na Amazônia pelo porto de Belém e se dirigiram principalmente para os vales dos rios Purus e Juruá, vieram imigrantes do norte de Goiás, da Bahia e do Maranhão, os quais se deslocaram, na última década do século XIX, durante o *boom* da borracha, para a região do médio Tocantins. Esses imigrantes eram chamados de aventureiros que se encantaram pela riqueza e a fartura da floresta Amazônica, estabelecendo um novo estilo de vida e modificando as

relações de convivência na selva. Partindo desse novo estilo de vida nasce o camponês ribeirinho que sai em busca de novas perspectivas de subsistência para o núcleo familiar. Esse camponês ribeirinho foi fruto da junção do modo de vida das sociedades indígenas e do caboclo da Amazônia com os imigrantes aventureiros.

Witkoski (2007), enfatiza que “o camponês amazônico, possui uma singularidade em face das demais categorias do campesinato brasileiro, que é o trabalho simultâneo com os elementos terra, floresta e água”. Já para Souza “o processo histórico da Amazônia, nesse sentido, tem sido como o instinto do animal livre que defende seu território, que delimita o seu domicílio e repele as investidas da desinformação e do preconceito” (2019 p. 25/26). O Amazonas continua participando ativamente da história da territorialização do camponês, o qual explora as suas riquezas para a manutenção do núcleo familiar. As comunidades tem ampla relação com os fatos históricos e econômicos, principalmente no que se refere aos rios, lagos, “florestas” e “terra”. Witkoski afirma que:

Dessa maneira, o *Homo sapiens* vem ocupando essas áreas por um grande período de sua existência, tirando delas seu sustento. Nessa sua forma de vida, os homens – primeiro os *ameríndios das águas*, depois os caboclos (que serão, mais à frente, conceituados sociologicamente como campões), aprenderam a enfrentar os fatores limitantes do ambiente físico dos solos de terra firme e, igualmente, a tirar proveito das vantagens oferecidas pelos ecossistemas que com ele fazem fronteiras – por exemplo, as terras de várzea fertilizadas ciclicamente, as florestas de várzea, a biodiversidade do mundo aquático etc. (WITKOSKI, 2007 p. 42)12.

A constituição histórica e a formação do território do campesinato no Amazonas e no município de Manacapuru estão ligadas ao contexto da própria história da Amazônia. E foi assim que, pela contribuição de tantos viajantes, mas sem romper com a velha tradição da consciência de desigualdade, o discurso colonial passou a mudar na Amazônia (SOUZA, 2019) e aderir a um novo formato na organização do seu modo de vida. Raposo(2010 p.46). enfatiza que “as influências de grupos humanos diferenciados se reconfiguraram em vários aspectos e possibilitaram um estilo de vida característico daqueles decorrentes de um processo de ocupação mais recente com as transformações dos ciclos econômicos [...]”.

4 TERCEIRA SEÇÃO

4.1 A CONCRETIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS CAMPESINA NA AMAZÔNIA

As práticas tradicionais ainda imperam no cotidiano dos povos da Amazônia, que adotaram a forma conjunta e, diante do estilo de convivência, aprenderam a compreender a natureza. É claro que com mais adaptabilidade no contexto moderno, as marcas culturais são explícitas na História e na Geografia do cotidiano das lutas com a bagagem da mistura das etnias, criando e recriando o modo de vivência, adaptando-se à natureza. Assim destaca Witkoski, (2007).

[...] a Amazônia é principalmente história; história no sentido de atividades sociais, econômicas, políticas e culturais; história no sentido de controvérsias, lutas e realizações. A própria Geografia pode ser vista como uma sucessão de desenhos demarcando os movimentos da História. O que parece natureza é a configuração dos indivíduos e coletividades apropriando-se da terra, como objeto e meios de produção. A rigor, são as formas de organização social da vida e do trabalho que criam e recriam a natureza, seja quando ela é embelezada, seja quando mutilada. Em todos os casos, (a Amazônia) está sendo humanizada, isto é, historicizada.

A reformulação humana na Amazônia ainda tem deixado os resquícios da história, no sentido de que é através do velho que se constrói o novo; do tradicional que se chega ao moderno. As formas pelas quais os povos se organizam nos locais de convivência do cotidiano sempre serão através da (re) organização do modo de socialização, “pois exprime o modo pelos quais as comunidades de camponeses-pescadores percebem e gerem seu espaço aquático, fluido, instável, porém, apesar de tudo, construído e apropriado em referência a um espaço terrestre” (CRUZ, 2005). Para o camponês ribeirinho da Amazônia o espaço terrestre não se limita especificamente a Terra mas sim na “Terra água e na floresta”.

CRUZ (2007, p. 12/13)¹⁶ salienta que é importante considerar que todo esse processo de ocupação da Amazônia se deu obedecendo às condições naturais da região, caracterizadas pelas inúmeras vias fluviais. Os ribeirinhos, que atualmente habitam as margens dos rios, paranás, furos, lagos e igarapés no Estado do Amazonas, constituem a maior população rural daquela unidade da Federação. Foi da colonização do imaginário que nasceu a colonização do território que o camponês ribeirinho se constituiu historicamente na região amazônica. como destaca Cruz (2007), o “camponês/ribeirinho” da Amazônia. Para Shanin:

Os camponeses diferem necessariamente de uma sociedade para outra e, também, dentro de uma mesma sociedade; trata-se do problema de suas características gerais e específicas, os camponeses necessariamente refletem, relacionam-se e interagem com não camponeses; trata-se da questão da autonomia parcial de ser social. O campesinato é um processo e necessariamente parte de uma história social mais ampla; trata-se da questão da extensão da especificidade dos padrões de seu desenvolvimento, das épocas significativas e das rupturas estratégicas que dizem respeito aos camponeses (SHANIN, 1980, p.75).

A partir da ideia de Shanin (2005), observa-se que, na Amazônia, essas características também se diferenciam dos camponeses de outras partes do planeta. Os camponeses da Amazônia estão mais interligados com o sistema rio/floresta. Enquanto os camponeses não amazônicos não têm tanto esse contato rio/floresta, o camponês amazônico possui uma singularidade em face das demais categorias do campesinato brasileiro, que é o trabalho simultâneo com os elementos terra, floresta e água. Para Witkoski, “essa singularidade não deve ser compreendida como algo exótico, mas como uma espécie de imperativo que se impõe a esses camponeses, num certo horizonte natural e social. Obviamente, para outros camponeses, são possíveis outros horizontes” (2007, p. 230).

O camponês deve ser diferente de uma sociedade para outra e existem diferenças dentro de uma mesma sociedade; a diferença está em suas características gerais e específicas. Nesse caso, considerando a esfera social de suas relações exógenas, esse camponês diferencia seu estilo de vida de acordo com suas características culturais. Quando se considera a forma peculiar de usufruir a terra, como destaca Witkoski (2010), o camponês amazônico:

[...] possui singularidades no contexto do campesinato brasileiro, pois trabalha simultaneamente com os elementos terra, floresta e água. Neste sentido, o camponês amazônico emerge como um sujeito social que realiza, e tem que realizar um conjunto múltiplo de atividades no mundo do trabalho: com relação à *terra*, é agricultor e criador que *depende* necessariamente do conhecimento dos ciclos naturais das águas dos rios Solimões/Amazonas (enchente, cheia, vazante e seca) para realizar seus plantios e colheitas; com relação à *floresta*, exerce durante a vazante as atividades de extrator [...] a atividade da *caça*, uma das formas de extrativismo animal, no entanto, é praticada de modo relativamente mais intenso no período em que o rio inunda a várzea e, com isso, “cercam” em espaços bem delimitados os animais apreciados como alimento – o que facilita o ato de caçar; finalmente, esse camponês precisa ser, desde sua infância, um notável *pescador* – outra forma de exercer o extrativismo animal. Como tal, necessita envolver-se por inteiro com o meio ambiente água nos períodos da enchente, cheia, vazante e seca. Desse envolvimento, dependem a sua vida e a da sua família (p. 462). 19.

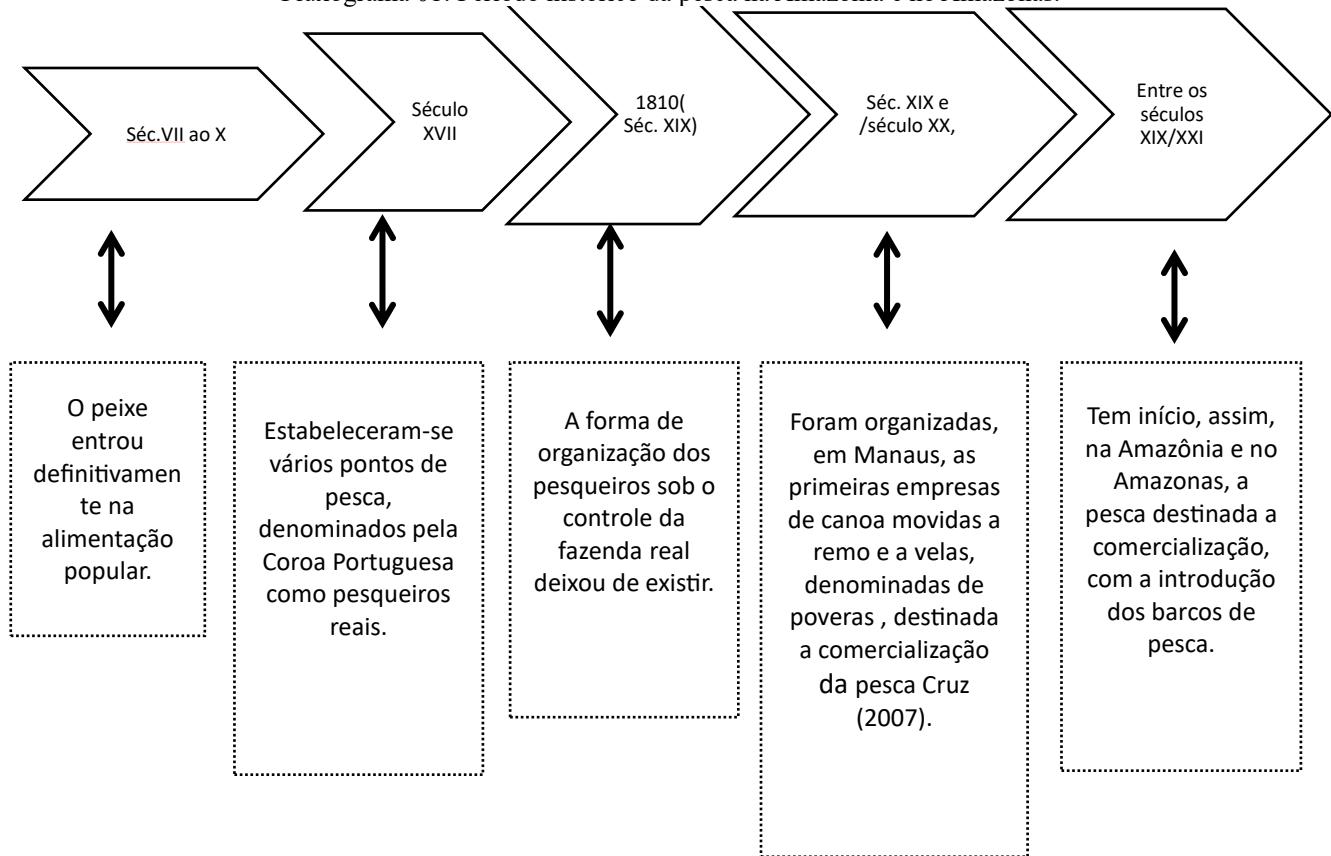
“Na agricultura, o capital, ora controla a circulação subordinando a produção, ora se instala na produção subordinando a circulação”. Aliás, uma engendra a outra. Como consequência desse movimento contraditório, temos o monopólio do capital, ora na produção, ora na circulação. Além de determinar, com clareza, as características da relação camponesa, se expandiu também o desenvolvimento da produção agrícola, baseada no trabalho familiar e na vida comunitária, bem como a relação com a sociedade mais geral que ela constitui, como proposto pelo autor(OLIVEIRA, 2002, p. 80).

5 QUARTA SEÇÃO

5.1 A EVOLUÇÃO DA PESCA DIANTE AO AVANÇO TECNOLÓGICO

Em determinados períodos históricos a pesca que foi responsável pela reprodução física e social de seus membros, bem como pela importância de representações sociais e culturais que marcaram a vida social, não somente na Antiguidade como nos tempos modernos conforme fluxograma a seguir.

Fluxograma 01: Período histórico da pesca na Amazônia e no Amazonas.



Fonte: Veríssimo (1985)

Observando o fluxograma Veríssimo (1895), afirma que em meados do século XVII os principais pescados capturados, pela sua abundância, eram o peixe-boi (o mais antigo da história da pesca), a tartaruga e, mais tarde, o pirarucu. Dessa forma, esse tipo de pescado era bastante valorizado, pois, não entravam na mesa da coroa portuguesa peixes de pequeno porte. Reportando-nos aos períodos mais remotos da pesca Diegues (1993 p.13), relata que pouco se sabe sobre a pesca nas sociedades primitivas. Segundo os estudos arqueológicos demonstram que a pesca tem representado uma importante fonte de alimentos em períodos anteriores ao aparecimento da agricultura. O autor também ressalta que, antes da captura do pescado, o homem primitivo era um coletor de moluscos. No período bem anterior ao neolítico, os moluscos tinham grande importância na alimentação humana.

Palsson (s/d) apud Diegues (2008) caracteriza a trajetória da pesca em três períodos: No *primeiro* período, o Medieval (1.000 d.C.), a pesca era somente de autossubsistência, sendo considerada uma troca com a natureza dadivosa. O peixe, principalmente o bacalhau, era um dom da natureza e, para capturá-lo, o pescador precisava conhecer os sinais de sua presença. Havia animais marinhos monstruosos e os mitos, bem como os rituais, existiam para proteger os pescadores contra os perigos da natureza. Por outro lado, a sociedade era homogênea, não havendo competição entre os seus membros.

O *segundo* período introduziu a economia mercantil. O peixe se transforma em mercadoria e instaura-se a competição entre os pescadores. O melhor mestre da pesca não é o que interpreta os sinais

da natureza e conduz bem a tripulação, mas o que apresenta a captura maior. O peixe é um bem de valor de mercado, que se retira do mar, controlando e domando a natureza. Essa competição leva, em meados do século XX, à sobre pesca, com a introdução de tecnologia moderna pela indústria pesqueira.

No *terceiro* período, o mais recente, por causa da maior escassez de peixes, houve a necessidade de se instaurar uma administração dos estoques pesqueiros pelo sistema de quotas. A quantidade a ser capturada por barco já não é mais definida pelo mestre, mas pela administração pública, na qual imperam os biólogos marinhos. Esses passam a serem detentores do saber moderno em detrimento dos mestres da pesca. Para Diegues (1983), a pesca traz uma sequência de acontecimentos que, com o passar dos anos, ajusta-se de acordo com a necessidade de cada época, até aderir a modernidade.

Diegues *et all* (1983), apresenta o desenvolvimento das inovações da pesca ao longo dos séculos: no século XVI iniciou a adaptação das caravelas para a pesca; no século XVII substituição das caravelas pelo *brigantins*, Lançamento da pesca do bacalhau e Transformação da rede *traw* (arrastão) de simples aparelho de pesca artesanal para apetrecho industrial até meados do século XIX Introdução das máquinas a vapor para motor de combustão; Cria-se o sistema de parelha (dois barcos arrastando uma única rede de maiores dimensões - o *bull trawl*). A partir do fim do século XIX armadores introduzem o gelo para a conservação do pescado. A partir do sec. XX surgimento da estrada de ferro, que facilitou a comercialização do pescado e o fornecimento de mercadoria tais como facões, utensílios domésticos, espelhos e aguardente dentre outros para o suprimento da vida na floresta, Santos (2009, p. 10) *et all* dizem que:

Registros fósseis mostram que o uso de pescado como alimento pelas populações indígenas amazônicas retrocede à pré-história, entre 3.000 e 1.500 a.C., e até hoje a pesca é uma das atividades mais tradicionais na Amazônia. No diário feito por Frei Gaspar de Carvajal, sobre a viagem de Francisco Orellana, em 1541, descendo o rio Amazonas, é dito que: "... depois de passarem muita fome, chegando ao extremo de comerem cintos e solas de sapatos cozidos com ervas, encontraram uma povoação de índios que, ao vê-los, fugiram, deixando toda a comida existente, que foi devorada pelos espanhóis; mas após isso o contato foi amistoso, e os índios forneceram suprimento de peixes e aves para eles".

A pesca tem grande importância na cultura tradicional, uma cultura da população amazônica comprovada por fósseis. Além ser a principal fonte econômica para os camponeses/ribeirinhos/pescadores, essa fonte de renda vem sofrendo uma decadência pela intensificação da captura do pescado. A captura desse pescado está sendo muito disputada, principalmente, no que se trata da pesca comercial. Essa pesca comercial é mais praticada em rios e lagos.

6 CONCLUSÕES

Assim, a pesca na Amazônia, na forma menos desenvolvida, é uma atividade praticada por pessoas de todas as classes, incluindo os camponeses/ribeirinhos, abarcando todas as gerações: homens, mulheres e crianças. É uma prática que perpassa de geração em geração. O camponês ribeirinho pescador carrega uma bagagem de experiências tradicionais que facilita a convivência na natureza. Esse pescador pode identificar as mudanças, criando o seu próprio cronograma, seguindo o ciclo da natureza. Nessa perspectiva, há uma forte relação do homem ribeirinho com a água que atravessa o seu cotidiano e é de vital importância para a compreensão do comportamento migratório dos peixes e do ambiente por eles utilizados. Essas experiências tradicionais, que são passadas de geração a geração, significam que o saber fazer não se constrói de uma hora para outra, e sim de uma longa trajetória da convivência entre pais e filhos.

Dessa forma, para aprimorar o entendimento a compreensão da formação e a organização da territorialidade e na evolução da pesca na Amazônia, foram discutidos a trajetória e a forma pela qual o camponês/ribeirinho convive na redescoberta dos processos e da relação cultural que estão intimamente ligados às práticas dos mesmos, refletindo como cada camponês atribui sentido à trajetória de um mesmo objeto cultural que herdou do passado, como uma forma de interagir com o presente influenciado pelos hábitos dos antigos. Trazendo para si os gestos, as práticas, os ritmos, as percepções, as relações sociais e os aspectos socioculturais, sendo uma mistura de culturas importadas de outros países e das regiões nacionais que envolvem o cotidiano de cada um desses camponeses/ribeirinhos, Diegues (2000) enfatiza que “apesar das recentes transformações por que passam as comunidades pequenos pescadores, em todo o mundo, pode-se constatar, ainda hoje, a persistência de práticas sociais e simbólicas.

O estudo sobre "A Formação da Territorialidade do Campesinato e a Trajetória da Pesca na Amazônia" oferece um olhar revelador e aprofundado sobre a complexa interação entre as comunidades camponesas e seu ambiente na região amazônica. A análise detalhada revela como a pesca, uma atividade central para o sustento e cultura dessas comunidades, tem sido afetada e moldada por uma série de fatores internos e externos ao longo do tempo. A territorialidade do campesinato amazônico é um produto de práticas tradicionais enraizadas, conhecimento local e uma profunda conexão espiritual com a terra e a água. A pesca, nesse contexto, transcende sua função de mera subsistência, representando um elemento-chave na identidade cultural, na organização social e na relação simbiótica entre o homem e o ecossistema.

Este estudo evidencia os desafios significativos enfrentados pelos camponeses, incluindo a pressão de forças externas como o agronegócio, políticas governamentais adversas e os efeitos das mudanças climáticas. A importância deste trabalho reside na capacidade de trazer à tona a necessidade de reconhecer e valorizar o conhecimento e as práticas do campesinato amazônico. Essas comunidades



não são apenas guardiãs da biodiversidade, mas também detentoras de saberes essenciais para o desenvolvimento de estratégias sustentáveis de gestão ambiental e uso de recursos naturais. Finalmente, este artigo chama atenção para a necessidade urgente de políticas inclusivas e sustentáveis que reconheçam e integrem o conhecimento e as práticas tradicionais das comunidades campesinas na gestão da Amazônia.



REFERÊNCIAS

Livro:

DIEGUES, A.C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **A Amazônia no século XXI – novas formas de desenvolvimento**. São Paulo SP, Editora Empório do livro, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOZO, P. H. Co. **Territórios sociais da pesca no Rio Solimões: usos e formas de apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso**. 2010- Manaus, AM: UFAM, 272 f. 30 cm. Dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Amazonas 2010).

SOUZA, M. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 1ed. Rio de Janeiro RJ: Record, 2019.

TOCANTINS, L. **O rio que comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 8 ed. Rio de Janeiro RJ: Record, 1988.

VERÍSSIMO, J. **A pesca na Amazônia**. Rio de Janeiro, Livraria Alves, 1895, 137 p.

WITKOSKI, A C. **Terras Florestas e águas do trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Série: Amazônia: a terra e o homem).

Capítulo de livros:

OLIVEIRA, A. U. **A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro**. In: Carlos, Ana Fani Alessandri (Org.) *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2002.

SHANIN, Teodor. Lições Camponesas. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (ORG). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo. 1. Edição. Editora Expressão Popular, 2008.p. 23-47.

Artigo:

GOTTMANN, J. Texto originalmente intitulado “**The evolution of the concept of territory**”, traduzido de versão publicada no periódico Social Science Information, v. 14, n. 3, ago. 1975, p. 29–47. Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão: Fabricio Gallo.

Dissertação e tese:

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. (Tese de doutorado. Doutorado em Geografia Humana da Universidade de São Paulo). São Paulo: USP, 2007.



PEREIRA, F. M. R. **Entre rios e lagos: a pesca do lanço e suas territorialidades, Manacapuru-AM.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM) 2021.

Trabalhos publicados em eventos:

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Rios e Lagos: a apropriação das águas pelos campesinos ribeirinhos na Amazônia.** III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – Anais do II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

SHANIN, Teodor. **A definição de Camponês: Conceituações e Desconceituações.** *Presidente Prudente*. Revista Nera – ano 8, N. 7–2005.